

# Impressos integralistas

**Rodrigo Patto Sá Motta**

GONÇALVES, Leandro Pereira & SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011.

Estudos sobre a direita no Brasil têm uma trajetória recente, e esta observação vale também para a Ação Integralista Brasileira (AIB, 1932) e seu sucedâneo, o Partido de Representação Popular (PRP, 1945). Nesse campo, trabalhos pioneiros vieram à luz nos anos 1970, no contexto do regime militar, e não há dúvida que uma das motivações dos autores era precisamente compreender as origens do Estado autoritário. Entre tais “pioneiros”, significativamente, destacam-se estudos cujo foco principal era o integralismo, entre eles, Héglio Trindade (*Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 1930*, São Paulo: Difel, 1974), José Chasin (*O integralismo de Plínio Salgado*, São Paulo: LECH, 1978) e Gilberto Vasconcellos (*A ideologia curupira*, São Paulo: Brasiliense, 1979), ao lado de obras cuja preocupação era compreender o fenômeno autoritário, como os trabalhos de Bolívar Lamounier (*Formação de um pensamento autoritário na Primeira República, uma interpretação* In HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil Republicano III, vol.1*. São Paulo: Difel, 1977) e Jarbas Medeiros (*Ideologia autoritária no Brasil*, Rio de Janeiro: FGV, 1978).

Foram textos inauguradores de novo campo de estudo, mas, embora exercessem impacto no mundo acadêmico, encontraram poucos continuadores na época. O momento era de luta pela democratização, o que significava ampliar os limites estreitos da distensão e da abertura propostas pelo comando militar, com forte aumento da influência da agenda de esquerda nos meios acadêmicos. Por essa razão, entre o fim dos anos 1970 e o início dos anos 1990, os pesquisadores das Ciências Sociais e História deram mais atenção aos movimentos sociais e às esquerdas, a quem o futuro parecia pertencer, enquanto a direita (ou as direitas) era vista em situação de fragilidade e recuo. Mas esse quadro mudou, no Brasil, a partir de fins dos anos 1990 e, sobretudo, no início do novo século. A história da direita – seus líderes, suas organizações, sua cultura – começou a despertar interesse nunca antes visto, e, como é natural, tal tendência tem relação com a emergência de novo contexto histórico. Com a crise do socialismo real e o declínio da esquerda tradicional,

principalmente na Europa, o futuro já não parecia mais tão promissor para os defensores da revolução social. Simultaneamente ao recuo da esquerda, a direita voltou à tona com força, em versão clássica e também em novas roupagens. Grupos neofascistas e neonazistas ganharam maior audiência, e governos de direita ascenderam ao poder em países de destaque no cenário internacional, seja com os neoliberais, seja com os neoconservadores, às vezes em combinação.

Reocupando o centro do cenário político, a direita instalou-se também como objeto de estudo importante, embora a motivação dos pesquisadores não se limitasse à resposta aos desafios da nova conjuntura. Seja como for, o fato é que desde alguns anos têm surgido muitos trabalhos sobre a direita no Brasil, dedicados a temas como o anticomunismo, o fascismo e o nazismo (em versão “nacional”), movimentos sociais (as “Marchas com Deus”, as organizações femininas de direita), grupos tradicionalistas (TFP), partidos (ARENA), entre outros. Vale a pena notar, também, o aumento de pesquisas sobre a ditadura militar recente, cujos sustentáculos ideológicos provinham, basicamente, do universo cultural da direita.

Naturalmente, em meio a essa tendência ocorreu notável aumento no interesse pelo integralismo, que foi um dos principais formadores de quadros para a direita brasileira, talvez o mais importante. O estudo do integralismo tem atraído, sobretudo, jovens pesquisadores, que têm produzido trabalhos de conclusão de graduação, dissertações e teses, assim como têm organizado eventos e publicações. A coletânea em questão reúne alguns dos principais autores dessa nova “safra”, entre eles mestrandos, doutorandos e recém-doutores. A proposta da obra é justamente oferecer uma amostra das pesquisas em andamento sobre o integralismo, indicando caminhos e possibilidades para novas incursões.

Dentre as inúmeras possibilidades oferecidas pela cultura integralista, os organizadores optaram por privilegiar um tema: a imprensa. Escolha feliz, já que os impressos têm importância capital na construção e disseminação de valores, ideias e imaginários das culturas políticas mais consistentes. Por meio dos textos e imagens impressos pelos integralistas podemos entender os valores do movimento, e suas estratégias para conquista de aderentes para a causa. Ali se vê tanto a afirmação das propostas integralistas, filiadas ao nacionalismo de direita e à moralidade conservadora (ainda que mobilizadora), quanto a denúncia dos inimigos, notadamente os comunistas. A propósito, e em que pese a rejeição mútua, chama a atenção o fato de integralistas e comunistas manterem políticas editoriais semelhantes. Ambos criaram redes de jornais e revistas, alguns de âmbito nacional, outros de circulação

regional ou voltados para grupos específicos (mulheres, por exemplo). No auge, tanto integralistas como comunistas organizaram empresas para coordenar seus empreendimentos editoriais (no caso da AIB, a Sigma Jornaes Reunidos), além de terem criado Editoras para a publicação de livros dos seus autores de referência (como a Livraria Clássica Brasileira e a GRD, ligadas a integralistas). Provavelmente, eles acompanhavam os movimentos um do outro, e se mimetizavam.

Desde os anos 1930 e até os dias de hoje, ou seja, ao longo de 80 anos, integralistas e neointegralistas editaram mais de uma centena de periódicos, dos mais diferentes tipos e formatos. No livro organizado por Leandro Gonçalves e Renata Simões, os colaboradores analisaram alguns desses veículos, com destaque para certos casos singulares, como os diários *A Offensiva* e *Ação*, editados na fase áurea do movimento, nos anos 1930, assim como outras publicações do mesmo período, inclusive uma revista dedicada às mulheres, *Brasil Feminino*. Mas também são abordados jornais da segunda fase integralista, editados pelo PRP, com destaque para os semanários *Idade Nova* e *A Marcha*. Além dos títulos mencionados, o livro traz estudos sobre outros periódicos e revistas, de circulação mais restrita, e também incursões dedicadas à cultura visual do integralismo, mais especificamente caricaturas e fotografias. Vale destacar, igualmente, a presença de análise que enfoca publicações atuais, organizadas por grupos que tentam reconstruir o movimento integralista em pleno século XXI.

A obra conta com colaboradores mais experientes e também com jovens autores, alguns deles recém graduados e, como ocorre em toda publicação coletiva, a qualidade dos trabalhos é variável. De qualquer modo, o livro constitui leitura significativa para os que desejam conhecer melhor o universo da cultura e das organizações integralistas, tema indispensável ao estudo da história política brasileira do século XX.